

ESTEREÓTIPOS E O DISCURSO PEDAGÓGICO

Ângela Maria Mendes

O imaginário estereotipado apresenta-se no cotidiano de todos nós. As imagens não servem só para nos atrair pelas cores, formas, mas também, pelo seu discurso verbal, portanto são imagens para ser consumidas a partir de posições, lugares sociais representados por essas personagens. O poder do discurso perpassa todas as áreas de conhecimento por meio das linguagens. Personagens das HQ como Magali, Mônica, Cebolinha, Cascão entre outras, ou a iconografia, imagens de índios de arco, flecha e cocar, seminu ou de negros escravizados são divulgadas em livros didáticos e passam sem uma ação reflexiva de alunos e de professores. Esse consumo massivo de linguagem visual e de linguagem verbal interfere nas escolhas, constrói o significado e o sentido que se dá às coisas mexendo com comportamentos, é aceito passivamente pelas pessoas.

Uma educação cuja natureza seja o respeito à diversidade sociocultural deve propiciar a reflexão crítica do discurso veiculado dessas imagens para garantir o convívio construtivo na diferença, por meio do diálogo e do respeito mútuo.

*Os estereótipos surgem em diversos tipos de contextos, cumprindo uma série de funções relacionadas às características particulares de sua emergência, tais como responder aos fatores ambientais, como nas situações de conflitos grupais e nas diferenças no poder e nos papéis sociais, justificar o **status quo** e, por fim, atender às necessidades da identidade social. (Pereira, 2002, p.50)*

As formas de apreensão do estereótipo tem em comum o fato de considerá-lo um modo de conhecimento prévio e uma forma de identificação social, portanto coletiva.

Segundo o autor, a transmissão dos estereótipos deve envolver algum tipo de comunicação, a linguagem ocupa um papel fundamental na representação dos estereótipos, pois é impossível transmitir um estereótipo sem usar a linguagem, como também não se pode pensar na criação e mudança dos estereótipos sem se levar em conta o papel da comunicação verbal (dos recursos lingüísticos). Assim, a linguagem tem um papel importante porque é por meio dela que o processo de estereotipia se materializa. Entende-se por estereotipia o processo de generalização que fabrica imagens mentais uniformizadas impondo formas de se relacionar.

Neste estudo, apresentam-se as personagens Cascão de Maurício de Sousa, Jeca

Tatu de Monteiro Lobato e Jeca Total de Gilberto Gil como mobilizadoras de estereótipos que interferem na construção da identidade brasileira.

Histórias em quadrinhos

A Turma da Mônica, criada por Maurício de Sousa, constitui-se no conjunto de personagens mais popular dos quadrinhos brasileiros. Além disso, suas personagens são associadas a milhares de itens, entre eles: roupas, alimentos, brinquedos, materiais escolares, parque de diversão, etc.

As HQ transportam o leitor para um mundo onde prevalece o faz-de-conta. No entanto, o mundo da fantasia apresenta um cotidiano em que as personagens sentem e vivem levando o leitor a ter a impressão de realidade, de proximidade com suas vidas.

Os recursos visuais empregados nas HQ criam uma linguagem em que legendas e balões transmitem a mensagem e exigem do leitor uma leitura de imagens, ou seja, a decifração dos signos verbais e não verbais, para construir sentidos. A singularidade dos quadrinhos consiste na forma em que textos e imagens estão unidos para dizer algo. Essa união se dá por meio do uso de balões para expressar as falas e de outros recursos de linguagem como: a legenda, as onomatopéias, os símbolos a fim de produzirem os sons, a comunicação entre as personagens.

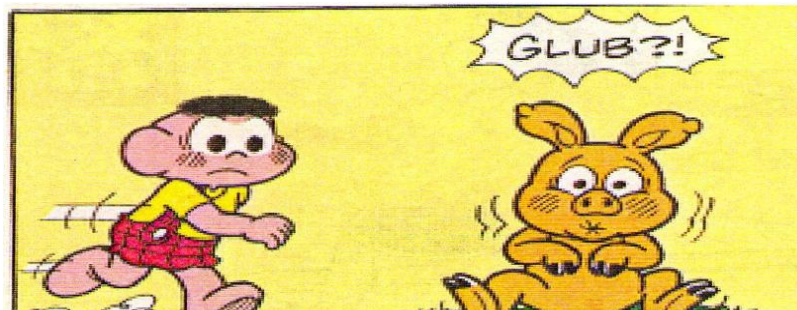
A HQ apresenta uma narrativa breve em que é mostrado um episódio na vida das personagens, cada narrativa resolve uma situação particular mantendo a identidade ficcional de cada personagem que viverá outras histórias. Por isso, as personagens consolidam seu perfil no universo a que pertencem: é o caso de Cascão, personagem criada por Maurício de Sousa. Cascão continuará sem se molhar no próximo episódio, vencerá à civilizada prática do uso da água: o banho.



Cascão é um menino de mais ou menos sete anos de idade, tem cabelos "pixaim", olhos pretos. Apresenta-se com camiseta amarela e "short" xadrez com uma alça. Seu rosto tem algumas manchas de sujeira e está sempre descalço. Ele vive nas histórias sem ingerir uma única gota de água e quando se trata de fugir da água, manifesta capacidades incríveis como voar batendo os braços ou correr rápido como um carro.



Sua origem é afro-descendente e mora com seus pais (figuras 1 e 2). Ele tem um bichinho de estimação: um porco, chamado Chouriço (fig.3)



Na seqüência, observe-se como a personagem Cascão encaixa-se no universo de Sousa, a narrativa é constituída de três quadrinhos.



Na cena inicial, ocorre apresentação das personagens por meio de desenhos onde as duas senhoras percebem Cascão e seu porquinho passeando. A fisionomia do Cascão expressa alegria pelo sorriso e pela posição de seus olhos e sobrancelhas. O porquinho está satisfeito também.



No segundo quadrinho, as senhoras passam por eles e estão indignadas, isto é constatado pelas falas e expressões faciais e gestuais delas. As expressões do Cascão e do porquinho mudam estabelecendo o conflito entre as personagens de origem européia: as senhoras e a de origem afro descendente: o Cascão e seu bicho de estimação.



Pela fala do Cascão no terceiro quadro, observa-se que ele percebe que elas comentam sobre eles. Por isso, Cascão “dá uma bronca” no porquinho e este sai correndo.

Observa-se a ambigüidade construída a partir da fala dele, pois quem realmente exerce má influência: o porco, o Cascão ou os dois juntos? A questão é a seguinte: considerando a afirmação das mulheres, Cascão não estava dando mau exemplo só por andar descalço e não tomar banho, mas porque passeava com um porquinho.

O autor parte de uma norma social que todos devem tomar banho, manter-se

asseados, coloca a personagem Cascão quebrando a regra ao passear com seu porquinho, incentivando a “sujeira“. Da Turma da Mônica, outra personagem poderia desempenhar esta função ? Será que causaria o mesmo efeito? Deixaria claro que "andar asseado " é uma norma, um dever que a sociedade branca e civilizada possui. Cascão é negro, opõe-se a esse hábito por isso, encaixa-se nessa situação para transmitir a mensagem moralizante de Sousa. Acrescenta-se ainda, o fato da sua ascendência negra ser reforçada pelo estereótipo de que por falta de banho o negro “fede” ou é “sujo“.

a noção de preconceito refere-se a uma atitude injusta e negativa em relação a um grupo ou a uma pessoa que se supõe ser membro do grupo, enquanto o conceito de discriminação, apesar de literalmente signifique 'tratar alguém de uma forma diferente, no seu sentido mais explícito, pode ser definido como um comportamento manifesto, geralmente apresentado por uma pessoa preconceituosa, que se exprime através da adoção de padrões de preferência em relação aos membros do próprio grupo e/ou de rejeição em relação aos membros dos grupos externos. (Pereira, 2002, p.77)

Portanto, acreditar que a HQ promove o entretenimento isento de posição ideológica, parece uma visão parcial. Na realidade, o poder do discurso é transmitido pelas imagens /texto, reforçando estereótipos e estimulando preconceito aos seus leitores.

Jeca Tatu

Toda interação verbal - em textos falados ou escritos - resulta de uma rede de conhecimentos, de relações e de intenções que partilhamos com os outros e é um processo que se constitui na atividade social em que estamos mergulhados. A produção e a recepção de um texto, portanto, são atividades interativas, de natureza sociocognitiva, uma vez que mobilizam conhecimentos de muitos tipos e são partes de atuações e práticas sociais mais amplas. (Antunes, 1975, p.58)

A citação acima confirma o poder que cada discurso tem, pois quem o produz expressa sua opinião, sua posição sobre os fatos, as pessoas, sobre os acontecimentos. O que pode ser constatado na personagem do caipira criada por Monteiro Lobato no conto "Urupês".

Nesse conto, observa-se que o discurso do narrador do início ao final da história, não permite a expressão da personagem, mostrando um Jeca incapaz de se posicionar no mundo. Quando Jeca Tatu fala é para confirmar a tese do narrador. Assim, o escritor cria o discurso do caboclo Jeca Tatu, atribuindo-lhe as seguintes características:

- ✓ ser um parasita da terra:

Jeca Tatu é funesto, parasita da terra, o caboclo espécie de homem baldio, seminômade, inadapável à civilização... (Lobato, 1994, p.161);

- ✓ não saber falar:

De pé ou sentado, as idéias se lhe entramam, a língua emperra e não há de dizer coisa com coisa. (Lobato,1994, p.168);

- ✓ não saber pensar, fatalismo:

Todo o inconsciente filosofar do caboclo grulha nessa palavra atravessada de fatalismo e modorra. Nada paga a pena. Nem culturas, nem comodidades. De qualquer jeito se vive (Lobato, 1994, 170);

- ✓ não saber votar conscientemente:

O fato mais importante de sua vida é, sem dúvida, votar no governo. (Lobato, 1994:172)

- ✓ ser preguiçoso:

Nada o esperta. Nenhuma ferrotoada o põe de pé. Social, como individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se. (Lobato, 1994: 167)

A consequência deste discurso de Lobato foi criar um estereótipo para todos os trabalhadores rurais. Lobato fala de um lugar marcado, de uma certa posição de classe, a dos proprietários ou donos do capital, no caso, fazendeiros, que, na história do país, detiveram por algum espaço de tempo não somente a posse dos latifúndios como também a hegemonia política. O que marca a exclusão social do trabalhador rural brasileiro. Lobato revê em **Jeca Tatu: a ressurreição**- 1918- que o Jeca não era a praga mas uma vítima do governo. Depois em 1947, com o livreto de vinte duas páginas intitulado **Zé Brasil**, o autor reconhece que Jeca foi expropriado de suas terras pela política dos latifúndios. Contudo, esses outros discursos não tiveram o efeito na sociedade como o primeiro em 1914, do caipira como uma praga, alheio à própria terra. O autor não conseguiu apagar a representação do Jeca Brasileiro que está presente na classe popular ou no estilo representado pelo indivíduo que alienado, inativo vive o marasmo, a passividade diante dos problemas pessoais e coletivos, pelo contrário, alimentou a sua idéia inicial do caipira que será retomado em outras linguagens, como “Jeca Total de Gilberto Gil em 1975.

Jeca Total

A interdiscursividade não existe em um discurso sozinho, ela se constrói como

resposta a outro discurso, no caso existe uma relação de concordância entre os discursos da música “Jeca Total” de Gil e do conto “Urupês” de Lobato.

Jeca Total é sinônimo de Jeca Tatu, o texto é construído por quatro estrofes, cada uma delas inicia-se com o verso "Jeca Total deve ser Jeca Tatu " para retomar as seguintes características do caipira:

*Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Presente, passado
Representante da gente no senado
Em plena sessão
Defendendo um projeto
Que eleva o teto
Salarial no sertão*

A primeira estrofe retoma o conto "presente, passado e representante da gente", como Jeca Total, Jeca Tatu não é um indivíduo, mas representa um grupo de pessoas. O primeiro no senado e o segundo na roça.

*Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Doente curado
Representante da gente na sala
Defronte da televisão
Assistindo Gabriela
Viver tantas cores
Dores da emancipação*

A segunda estrofe enfatiza a doença de ambos, sendo que Jeca Total assiste televisão e Jeca Tatu fica de cócoras.

*Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Um ente querido
Representante da gente no olimpo
Da imaginação
Imaginacionado o que seria a criação
De um ditado
Dito popular
Mito da mitologia brasileira
Jeca Total*

A terceira estrofe retoma a questão religiosa e as crendices populares para resolver problemas de qualquer natureza, reforçando a visão ingênua e a busca de soluções mágicas para as dificuldades.

*Jeca Total deve ser Jeca Tatu
Um tempo perdido
Interessante a maneira do tempo*

*Quer dizer, se perder no correr
Decorrer da história
Glória, decadência, memória
Era de Aquario
Ou mera ilusão*

Na última estrofe, o “eu lírico” concorda com o narrador do conto, pois enfatiza a indolência do JecaTotal/Jeca Tatu como pode ser observado.

*Jeca Total Jeca Tatu Jeca Total Jeca Tatu
Jeca Tatu Jeca Total Jeca Tatu Jeca Total “(Gil,
Só ele não fala, não canta, não ri, não ama.
Só ele, no meio de tanta vida , não vive...” (Lobato)*

Os versos finais lembram os parágrafos finais do conto de Lobato, mostrando a opinião do narrador sobre o Jeca (incapaz de cantar, sem poesia) e na música, o reforço da passividade e da inatividade do estilo Jeca.

Gil retoma o discurso de Lobato para reforçar as características do caipira, a fim de criticar os representantes do povo em Brasília, portanto, Jeca Total do senado é tão alienado, passivo, indolente, individualista quanto Jeca Tatu do campo. Percebe-se que Jeca Tatu está presente, não somente na classe dos menos favorecidos, mas em qualquer classe social, basta o indivíduo assumir essa identidade de ser inoperante, e de viver num marasmo em que "seu grande cuidado é sempre espremer todas as consequências da lei do menor esforço." (Lobato, 1994, p.168).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ditamos idéias. Não trocamos idéias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos sobre o educando. Não trabalhamos com ele. Impomos-lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem o tenta, esforço de recriação e procura. Exige reinvenção. (Freire, 1987,p.97)

Este estudo refletiu sobre a influência negativa do uso de estereótipos na ação educativa, porque entende que a noção de estereótipo generaliza o conhecimento que se pretende construir junto ao aluno, sobre as representações do outro, as coisas e os acontecimentos. Defende que o discurso pedagógico deva propiciar o respeito à diversidade

sócio-cultural com a finalidade de garantir o convívio entre os diferentes, evitando, assim, uma ação educativa que enfatiza posições ingênuas, deixando os educandos na periferia de tudo que é tratado em sala, levando-os ao conhecimento memorizado, que não exige elaboração ou posição ativa dos envolvidos como apregoa Freire.

Considera também que os estereótipos mencionados em relação ao negro na figura do Cascão de Sousa e ao caipira de Lobato e Gil, são exemplos que influenciam negativamente os afro-descendentes e os trabalhadores rurais, pois estes constituem traços da identidade brasileira. Por isso, este trabalho reforça que a noção de estereótipos como geradores de atitudes que excluem devam ser superados com a prática do diálogo orientado pelo entendimento de que é possível aumentar a cooperação entre os diferentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Lutar com Palavras coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 1975.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 18ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GIL, Gilberto. *Jeca Tota*, 1975.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 18ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: E.P.U., 2002

SOUSA, Maurício de. *Cascão in Quem liga pra tanta liga?*. v.29 São Paulo, Barueri: Maurício de Sousa, abril 2009.

_____. *Cascão: traz um gelo para o papai*. v.28 São Paulo, Barueri: Maurício de Sousa, abril 2009.

acordacultura: <http://www.acordacultura.com> acessado em 20/05/2009.